



As revoltas contra Moisés e Aarão em Nm 16-17

Uma narrativa para confirmar o sacerdócio aronita na liderança do povo

Vicente Artuso

1. Introdução: resultados da crítica literária em relação à Nm 16-17

Com a crise na teoria documentária¹ em relação à análise dos textos do Pentateuco, o problema da origem e da data dos textos bíblicos tornou-se mais agudo. Pelo menos na sua forma rígida, a teoria documentária clássica não pode ser aceita. No entanto, temos de admitir com a maioria dos estudiosos que Nm 16-17, apresenta certas rupturas ou incongruências², que sinali-

¹ A crise consiste em colocar em questão a teoria documentária clássica que distinguia quatro fontes para o Pentateuco: Javista do tempo de Davi e Salomão, Eloísta do reino do Norte próximo ao tempo de Amós e Oséias, Deuteronomista da reforma de Josias em 622 a.C., e o Sacerdotal, exílico ou pós-exílico (SKA, J. L. *Introduzione alla lettura del Pentateuco*, p. 5-6). Esta situação de crise estende-se há décadas. “Por ocasião do quinto congresso mundial de estudos judaicos já em 1969, R. Rendtorff se mostrava muito crítico com a hipótese dos documentos. A partir daquela data, a aparente “imutabilidade” da teoria documentária se tornou movediça e sua fortaleza quebradiça” (cf. GARCIA LOPES, F. *O Pentateuco*, p. 41). Sobre a questão da crise da teoria documentária, cf. DE PURY, A.; RÖMER, T. O Pentateuco em questão: Posição do problema e breve história da pesquisa. In: _____. *O Pentateuco em questão*, p. 15-84; RIEND, J. Lecture du Pentateuque. Que hipótese documentária? In: AUDEBERT, P. (Dir.). *Le Pentateuque: débats et recherches*, p. 25-30; GARCIA LOPES, F. *O Pentateuco*, p. 30-55; RÖMER, Th. L’Histoire rédactionnelle des premiers livres de la Bible. *Estúdios Bíblicos*, n. 62, p. 137-154.

² Observando com atenção o texto hebraico, Nm 16,1b não dá seqüência a 16,1a pois o verbo pede objeto direto. A história da revolta de Datã e Abiram vai retornar em Nm 16,12 que marca certa descontinuidade em relação a 16,11. Temos certa incongruência em 16,27a onde é relatado que a congregação se afastou da *habitação* (singular) de Coré Datã e Abiram. Mas

zam a existência de camadas literárias diferentes o que justifica a aplicação da análise crítico-literária.

Estudando as diferentes tradições de Coré, Datã e Abiram (cf. Dt 11,6; Sl 106,16-17; Nm 27,3), e sobretudo a partir dos problemas de unidade (Nm 16,1-2.26-27.32), os críticos mostraram que a história da revolta de Datã e Abiram, inicialmente era independente da história de Coré³. Em determinado estágio da tradição, estas histórias foram reunidas de uma forma muito mecânica, com algumas tentativas frustradas de harmonização (Nm 16,24.27.32)⁴. Isso, em parte⁵, explica a existência de rupturas e tensões no texto final. Assim, desde o advento da crítica literária clássica⁶ até meados da década de oitenta, prevaleceu um consenso quase sem questionamento de que a história deve ser atribuída a três fontes ou camadas literárias, com algumas variações em detalhes menores. A visão do texto, na história de sua interpretação é acurada ao tratar dos seus problemas, com menor atenção nos elementos de unidade e no seu sentido final. O texto é composto de uma antiga fonte pré-sacerdotal, que eles chamavam de Jeovista (JE)⁷: 16,1b.2a.12-15.

em 16,27b se diz que Datã e Abiram saíram postando-se na entrada das *tendas deles* (plural). Outra dificuldade é a não inclusão de Coré no castigo em 16,32. Fica claro que a terra tragou Datã e Abiram com suas famílias e os homens de Coré. Este não é incluído no julgamento, sendo que em 16,24b e 27a parece claro que também ele fora isolado da congregação junto com Datã e Abiram em vista do julgamento. Porém em Nm 26,8-10 Coré, Datã e Abiram são incluídos no mesmo castigo. São esses os principais problemas de unidade do texto que carecem da crítica textual.

³ Cf. MAGONET, J. The Korah Rebellion. *Journal Study of the Old Testament*, n. 24, p. 6.

⁴ Cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 187; DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 163. Estudos mais recentes, já apresentam uma visão mais positiva da composição do texto (E. Blum; F. Crüsemann; B. A. Levine).

⁵ Às vezes certas rupturas em uma narrativa que sinalizam uma descontinuidade no texto, numa análise sincrônica podem ser consideradas elementos do estilo do autor na construção da narrativa em vista de envolver os leitores no mundo do relato. Nessa visão o último redator não é compilador de fontes, mas verdadeiro autor que dá a forma final do relato. O todo do texto é maior que a soma das partes.

⁶ A partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, surgiram estudos e comentários detalhados do livro dos Números que nortearam as pesquisas. Destacamos Keil (1869), Dillmann (1886), Paterson (1890), Gray (1903), Baentsch (1903), McNeile (1911).

⁷ Para J. Wellhausen (*Die Composition des Hexateuchs*. 3 ed., 1899, p. 102-106; 240-242) e A. Kuenen (*Theologisch Tijdschrift*, n. 12, 1878. p. 139-162), os primeiros a basearem seus estudos na hipótese documentária, o texto compõe-se de elementos J, E, e P (Q). A história de Datã e Abiram, a mais antiga, segundo eles e outros críticos (H. Holzinger, B. Gray, H. Gressman), comporta elementos Javistas e Eloístas (Todos esses autores são citados por: LIVER, J. Qorah, Dothan and Abiram. *Scripta Hierosolymitana*, vol. 8, p. 193). Dada a dificuldade de distinguir estas duas fontes, o próprio J. Wellhausen preferia a sigla JE (Jeovista), que era uma obra literária e redacional construída a partir de duas fontes principais J e E. (Cf. DE PURY, A.; RÖMER, T., O Pentateuco em questão: Posição do problema e breve história da pesquisa. In: DE PURY, A. *O Pentateuco em questão*, p. 30). Os comentários utilizam a

25. 26b. 27b-32a.33-34. Esta história conta como os rubenitas Datã e Abiram se revoltaram contra a autoridade civil de Moisés e foram punidos. A seguir vem a fonte sacerdotal que compõe a maior parte do texto: 16,1a. 2b.3-7.18-24.26a.27a.35.17,6-15. Esta fonte conta a história de Coré, filho de Levi, líder da revolta de um grupo de duzentos e cinqüenta homens, contra os privilégios de Moisés e Aarão. Estes, quando ofereceram incenso a YHWH, foram mortos com o fogo divino (16,35). A fonte sacerdotal recebeu acréscimos provavelmente na redação final com alguns suplementos: 16,1a.7b-11.16-17. 32b;17,1-5; 16-28. Esta fonte relata como alguns levitas protestaram contra Aarão⁸.

Nas últimas décadas observamos mudanças na pesquisa crítico-literária. Admite-se atualmente o caráter compósito do texto, com diferentes fontes ou tradições, porém com menor preocupação em identificá-las nos detalhes, devido também ao aparecimento de modelos variados e até díspares sobre a origem e interpretação do Pentateuco. Há mudanças e adaptações na linguagem, como é o caso dos nomes das siglas clássicas. A tendência é evitar o uso das siglas, assim a tradição de Datã e Abiram simplesmente é pré-sacerdotal e a história de Coré é sacerdotal com acréscimos posteriores.

sigla JE (T. R. Ashley; G. J. Wenham; Baruch A. Levine), ou simplesmente J (E. W. Davies), sem entrar na discussão se é possível separar dois estratos distintos J e E. Bom número de estudos recentes, praticamente não reconhecem uma fonte Javista ou mesmo Jeovista. Simplesmente os comentários relatam a existência de uma fonte pré-sacerdotal sem definir uma época precisa de sua origem (cf. GARCIA LOPES, F. *O Pentateuco*, p. 43-44.276). No estado atual da pesquisa, melhor seria não utilizar a sigla J., mas referir apenas uma fonte pré-sacerdotal. No entanto, como estamos citando autores anteriores às atuais mudanças de rumo na teoria documentária, ou mais recentes que ainda são vacilantes diante dos avanços da pesquisa, teremos de usar algumas vezes a sigla JE (Jeovista) ou J (Javista). Por haver certo consenso da tradição sacerdotal que ainda parece segura tendo sua composição final no pós-exílio, outras fontes supostamente mais antigas são referidas em relação a esta fonte como pré-sacerdotais (Uma reflexão recente em torno da existência do escrito sacerdotal e sua importância encontra-se in: SKA, J. L. *Res Bibliograficae: Le Pentateuque à l'heure de ses usagers*. *Biblica*, vol. 87, fasc.1, p. 106-110).

⁸ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 48; GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers* p. 187-189; COATS, W. G. *Rebellion in the Wilderness*, p. 156-184; FRITZ, W. *Israel in der Wüste*, p. 24-25.86-89; BUDD, P. *Numbers*, p. 181-186; COATS, G. W. *Rebellion on the Wilderness*, p. 156-170. Esses autores apresentam poucas variações. Outros apresentam modificações mais significativas: AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 72-73; AU-RELIUS, E. *Der Fürbitter Israels*, p. 185-197; SCHORN, U. Rubeniten als exemplarische Auführer in Num 16f/Deut 11. *Beiträge Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*. vol. 294, p. 252; LUX, R. Und die Erde tät ihren Mund auf... In: VIEWEGER, D.; WASCHKE, E. J. *Beiträge zur Theologie und Exegese des Alten Testaments*, p. 188. A nomenclatura das fontes sofreu mudanças. Os últimos autores aqui citados (U. SCHORN, R. LUX) não utilizam a fonte Javista. Eles também chamam de pré-sacerdotais as fontes mais antigas de Nm 16-17.



Em relação à tradição tardia de Coré e os levitas, preferem os autores falar de uma expansão redacional, ou alargamento da tradição sacerdotal⁹. Outros vêem o texto não como uma junção mecânica de diferentes estratos, mas positivamente como resultado de uma composição sacerdotal¹⁰.

Admite-se a fusão de fontes diferentes no mesmo relato, porém seria no mínimo temerário estabelecer uma delimitação precisa do material provindo de uma fonte ou de outra, especialmente em textos corrompidos como, por exemplo, Nm 16,1-3¹¹. Embora colocamos nessa introdução alguns resultados da pesquisa da crítica-literária clássica em relação à Nm 16-17, nossa intenção não é entrar em maiores detalhes sobre os problemas de unidade do texto, sua composição e suas fontes. Nos limitamos à opinião comum de que nosso texto na sua forma final seja uma composição dos autores sacerdotais. Julgamos que o texto apresenta evidentes elementos de unidade que podem minimizar certas rupturas ou incongruências em vista de seu objetivo e sentido final. Alguns elementos narrativos podem ser observados a partir do texto que apresenta uma dinâmica interna, como um enredo de conflito de autoridade que termina por legitimar o sacerdócio aronita. Isso é identificável, em parte, em nosso estudo da delimitação e unidade de Nm 16 e 17 considerados como uma unidade literária em torno de uma temática dominante.

2. Delimitação e unidade literária de Nm 16-17

Nm 16–17 encontra-se no centro da seção de Nm 15–19 a qual é formada de um bloco de disposições jurídico-cultuais sobre os sacrifícios e os poderes dos sacerdotes e levitas. Nosso texto encaixa-se bem nessa moldura de duas coleções de leis (Nm 15 e Nm 18–19)¹², uma vez que visa a destacar uma temática semelhante: a origem divina da autoridade na comunidade e a proeminência de Aarão. O que determina o início do enredo em relação ao texto que o antecede (Nm 15) é a mudança de gênero literário. Nm 15 é um bloco com material jurídico, enquanto Nm 16 traz uma narrativa. Além do

⁹ Cf. SCHORN, U. Rubeniten als exemplarische Aufrüher in Num 16f/Deut 11. *Beiträge Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft*. vol. 294, p. 251; SCHMIDT, L. *Studien zur Priesterschrift, Beiträge Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, vol. 214, p. 113-179. A propósito, nos últimos anos aumentam os autores que falam de adições redacionais sucessivas (“Fortschreibung”) do Pentateuco, até chegar à fixação definitiva do texto canônico (cf. GARCIA LOPES, *O Pentateuco*, p. 289).

¹⁰ Assim E. BLUM (*Komposition des Priesterschrift*, p. 229), prefere o termo “composição sacerdotal” e não documento sacerdotal.

¹¹ Opinião de O. ARTUS (cf. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 168).

¹² Sobre este enquadramento jurídico e cultural de Nm 16-17, cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 189; ARTUS, O. *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 160.

mais, Nm 16,1-3 introduz novos personagens, citados pela primeira vez no livro dos Números: Coré, Datã, Abiram, On e mais duzentos e cinquenta líderes. Inicia-se uma história de revolta, no gênero culpa-castigo por meio da iniciativa de Coré de organizar este grupo contra Moisés e contra Aarão.

Nm 16 revela também um vínculo com o texto antecedente. A afirmação da santidade de toda a congregação em Nm 15,40 forma o gancho temático com Nm 16,3 em que aparece a mesma temática no lema dos revoltosos: “toda a congregação, todos eles são santos”. Observa H. Seebass¹³ que a santidade de toda a congregação que aí fundamenta a queixa dos revoltosos não se liga com Nm 18, um capítulo a ser considerado independente de Nm 16. Por outro lado, Nm 17, com suas duas histórias (Nm 17,6-15; 17,16-28), apresenta elementos de ligação e dá continuidade a Nm 16 (cf. Nm 16,5.9-11. 17-18. 34-35 e 17,1.5.10.14. 25.28).

Outros autores consideram Nm 17 mais como conclusão de um conto iniciado em Nm 16¹⁴. Em Nm 17, o controle aronita dos assuntos sacerdotais é substanciado contra todos os questionadores (Nm 17,5), pois Aarão é retratado como aquele que realizou o rito de expiação que deteve a praga (17,12-13). Ao contrário do oferecimento dos 250 líderes que causou sua ruína, a intercessão de Aarão fez cessar a ruína do povo, pois a praga foi detida.

Na terceira história (17,16-28), somente o nome de Aarão apareceu no ramo de Levi que brotou, indicando Aarão como o eleito de YHWH com os seus descendentes. Somente a classe sacerdotal tem acesso especial ao santuário, diante da tenda do testemunho. Esse argumento depõe em favor daqueles que vêem o desfecho do enredo em Nm 18¹⁵. O final da terceira história viria a ser uma introdução à temática do capítulo 18. Outros intérpretes consideram o final de enredo em 16,35 em que o conflito alcança a sua meta com a destruição dos revoltosos. Por isso Nm 16 poderia ser analisado, como um enredo de conflito de autoridade¹⁶. Porém o texto que segue, de Nm 17,1-5, mostra clara ligação com 16,35. Alguns delimitam o final do enredo em Nm 17,5 ao considerar o revestimento do altar de bronze como apêndice dependente de 16,35. Nm 17,1-5 seria uma interpretação teológica tardia de Nm 16, que ultrapassa o contexto original de toda a história, mas que tem

¹³ Cf. SEEBASS, H. *Numeri 10,1-22,1*, p. 173.

¹⁴ Cf. GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 187-190; AHUIS, F. *Autorität im Umbruch*, p. 22-23.

¹⁵ Por exemplo GRAY, B. G. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 186-187; MILGROM, J. *Numbers Bemidbar*, p. 129-130; MILLER, J. W. *As origens da Bíblia Hebraica*, p. 131.

¹⁶ NOTH, M. *Numbers*, p. 129; DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 177; BUDD, P. J. *Numbers*, p. 181-182.197.

ligação com Nm 16,8-11¹⁷. Um enredo como conflito de autoridade contra Moisés e Aarão poderia ser considerado concluído em 17,15 com a redenção do povo mediante a intercessão de Aarão¹⁸. Nesse caso a história da revolta do povo, em 17,6-15, serve como um segundo apêndice ou *post-factum* para justificar o duro tratamento a Coré e seus seguidores¹⁹. A favor da delimitação em 17,15, em parte está o fato de o oferecimento de Aarão expiar os pecados do povo e fazer cessar a praga, como continuidade do oferecimento do incenso dos 250, o que provocou sua própria ruína. Assim, o enredo vem responder à pergunta aberta aos leitores em 16,5-6, sobre quem seria aquele que o Senhor aproximará de si. De fato, Aarão é o único que pode oferecer o incenso de forma legítima e eficaz, e saiu de junto da tenda do encontro para realizar a expiação no meio do povo. Nm 17,20 refere-se ao escolhido com a construção verbal: “Será o homem que eu o eleger”.

Do ponto de vista dramático, o final é mais bem caracterizado em 17,27-28. Julgamos que esses versículos fecham a unidade de Nm 17,16-26, e também constituem o desfecho de todo o enredo de Nm 16–17²⁰. O autor mostra a reação do povo em 17,27-28 como um sinal de que eles entenderam a lição dos castigos de Nm 16,34-35. Nenhum estranho pode se aproximar para officiar no interior da tenda do encontro, a não ser que pertença aos descendentes de Aarão como dissera Moisés em 17,5. A devolução da vara de Aarão diante do testemunho em Nm 17,25 sinaliza a confirmação do eleito, e 17,26 conclui a história da vara de Aarão com a conclusão “assim Moisés fez”. Observemos que o v. 25 também pode servir de transição para Nm 18 ao tratar das prerrogativas dos sacerdotes e levitas²¹. A vara de Aarão diante do testemunho sinaliza que os aronitas (Aarão e seus filhos) podem se aproximar do interior da tenda do encontro ajudados pelos levitas que deles são dependentes. A terceira história em 17,16-25 está ligada com o conflito de autoridade (iniciado em Nm 16,3) ao prover um sinal que confirma a autori-

¹⁷ Cf. ARTUS, O *Etudes sur le Livre des Nombres*, p. 160 e 192.

¹⁸ Cf. HARRISON, R. K. *Numbers*, p. 231-135. O autor considera Nm 16,1–17,15 como uma narrativa única, bem integrada e concluída com a dramática redenção do povo (p. 131).

¹⁹ Cf. NOTH, M. *Numbers*, p. 129-130; DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 198. Outros autores como BUDD, P. J. *Numbers*, p.192; ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 321; intitulam Nm 17,1-15 como “Aftermath of Rebellions”. Isto significa que as revoltas principais ocorreram em Nm 16 e o capítulo seguinte pode ser interpretado como consequência das revoltas de Coré, Datã e Abiram em Nm 16.

²⁰ Cf. SEEBASS, H. *Numeri 10,1–22,1*, p. 174; DOUGLAS, M. *Nel deserto*, p. 177.

²¹ O conteúdo de Nm 18 apresenta uma certa hierarquia que parece colocar em primeiro lugar Aarão e seus filhos (18,1) e depois os outros levitas a serviço da tenda do encontro (18,2).

dade de Aarão como o santo²² e visa a fazer cessar as murmurações da parte dos israelitas. Nesse sentido, Nm 17,16-25 serve como fecho e delimita as duas histórias de revoltas anteriores.

O fim de Nm 16–17 é confirmado com a ausência de revolta nos capítulos seguintes (Nm 18–19). Outra história de revolta contra Moisés e Aarão vai acontecer somente em Nm 20,2. Outros autores tomam Nm 17,27-28 como introdução ou ponte para Nm 18²³, assim que o enredo da revolta de Coré, Datã e Abiram teria seu fim em 17,26²⁴. Sendo que a história, nos v.16-26, confirma a supremacia do sacerdócio aronita, os v. 27-28 podem de fato servir de introdução às normas sobre os sacerdotes e levitas em Nm 18.

2.1. O limite de todo o enredo em Nm 17,27- 28

Indícios formais indicam, portanto, que Nm 17,16-26 não deve ser separado das outras duas histórias de revolta e castigo, constituindo-se como seu desfecho final. Se tomarmos a história da revolta de Coré, Datã e Abiram finalizada em 16,35, tanto a cobertura do altar (17,1-5) como a história da vara de Aarão (17,16-28) podem ser considerados como testemunhos do ministério permanente de Aarão e servem de moldura para a história central (Nm 17,6-15) com a finalidade de mostrar a necessidade do ministério de Aarão para expiar os pecados do povo e fazer cessar a praga²⁵. Nesse sentido, Nm 17 poderia ser independente de Nm 16.

Mostramos, porém, que Nm 17,1-5 é considerado uma extensão, como prolongamento de 16,35. Além do mais, esse texto contém elementos que fazem a transição da primeira história (16,1-35) para a história da revolta do povo em vista de apresentar Aarão como o único que pode se aproximar do altar para oferecer o incenso. Outro dado em favor da unidade de Nm 16–17 é o paralelo da história da vara de Aarão diante do testemunho (17,16-28) com a história do julgamento dos 250 na abertura da tenda do encontro (16,19.35). Da mesma forma, o rito do oferecimento do incenso dos 250 é

²² Em contraposição ao argumento dos revoltosos de que toda a congregação é santa (16,3), o final do enredo dá a entender que o santo é um “Aarão” o único que acabou na tenda do testemunho bem próximo do Senhor conforme fora predito em 16,5.

²³ DAVIES, E. W. *Numbers*, p. 183; BUDD, P. *Numbers*, p. 197-198. Como Nm 17,28 termina de forma interrogativa, Nm 18,1-7 com as instruções a Aarão seria a resposta a tal interrogação. Assim, para J. W. MILLER (cf. *As origens da Bíblia Hebraica*, p. 131), Nm 17,6–18,7 formaria um bloco unitário sobre as controvérsias sacerdotais.

²⁴ Entre os principais estão GRAY, G. B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 218; SNAITH, N. H. *Leviticus and Numbers*, p. 264; NOTH, M. *Numbers*, p. 131; BUDD, P. J. *Numbers*, p. 193.

²⁵ Cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p. 193.

paralelo ao rito do oferecimento de Aarão. Enquanto um produz a morte (16,19.35), outro faz cessar a praga que causava a morte (17,12-13).

Quanto a Nm 17,27-28, julgamos que seja uma reação não somente ao fato de a vara de Aarão ser devolvida para estar na tenda do testemunho, mas à dramática intervenção de Deus e às punições a partir das revoltas em Nm 16²⁶. Observa J. De Vault²⁷ que essa reação do povo, como conclusão de Nm 16–17, não necessariamente deva dar continuidade à história final da vara de Aarão. Nm 17,28 pode naturalmente servir de introdução às normas sobre o papel dos Aronitas e Levitas em Nm 18–19²⁸

J. Wenham²⁹ observa que há uma inversão na estrutura de Nm 17,16-26.27-28 em relação às duas histórias de revolta anteriores (Nm 16,1-35; 17,6-15). Aquelas haviam começado com a queixa do povo e o Senhor ameaçando destruí-lo, e então acontecia a prova da vocação de Aarão. A história da vara de Aarão inicia-se quando Deus propõe um teste para revelar quem é o eleito, e termina com a reação apavorada do povo que sente seu fim próximo. Julgamos que a inversão dessa história fecha de forma mais adequada Nm 16–17, porque a reação de pânico do povo, em Nm 17,27-28, é aumentada³⁰ diante das punições por causa das revoltas nas duas histórias anteriores (cf. Nm 16,32-35 e 17,11-12). A revelação do eleito é o elemento narrativo determinante para considerarmos Nm 16–17 como enredo terminado em Nm 17,28. Pois somente Aarão poderá aproximar-se e exercer plenamente o sacerdócio. O enredo de ignorância e reconhecimento chega ao seu fim com a confirmação de Aarão a serviço da tenda do testemunho. O leitor passa a reconhecer de forma bem explícita, em 17,25, quem é o eleito, que Moisés havia predito que o próprio Senhor faria conhecer (Nm 16,5-7). Quanto ao enredo de conflito contra a autoridade, do ponto de vista do grupo atacado, o fim aconteceu com a aniquilação dos revoltosos (Nm 16,34-35; 17,14). Do ponto de vista dos grupos que armaram a revolta, o conflito permanece latente além do fim dessa história, pois em 17,28 o povo estava apavorado! Aarão (a vara florida diante do testemunho) é colocado para reduzir a nada as

²⁶ ASHLEY, T. *The Book of Numbers*, p. 330; DOUGLAS, M. *Nel Deserto*, p.177. M. Douglas destaca que Nm 17,27-28, além de constituir-se no desfecho de Nm 16–17, também marca a metade do livro dos Números (cf. *Nel Deserto*, p. 177-179).

²⁷ Cf. DE VAULT, J. *Les Nombres*, p. 203.

²⁸ Se interpretarmos o pânico como reação forte de medo de um próximo castigo caso haja revolta, é por causa do poder e privilégios de Aarão concedidos nesta última unidade. Nesse caso é mais adequado que os v. 27-28 também sirvam de conclusão à história da vara de Aarão.

²⁹ WENHAM, J. *Números*, p. 146.

³⁰ Em Nm 16,34-35 o povo foge com medo de morrer. Em 17,27-28 a reação é mais dramática pois o povo expressa sua angústia e terror já sendo atingido pelo castigo final.

murmurações dos filhos de Israel (cf. Nm 17,25) que futuramente poderiam surgir. Esse é o significado da vara de Aarão diante do testemunho. Ela faz a ligação com os conflitos de autoridade e conclui o enredo como sinal de advertência para que as murmurações não voltem. O sinal do ponto de vista dramático responde à pergunta deixada no ar em 16,11: “E Aarão, o que é ele para que murmureis contra ele”? Assim, sob o aspecto dramático e temático do conflito de autoridade, a última história (17,16-25) fecha toda a narrativa com a junção de 17, 27-28.

Não é regra uma narração vétero-testamentária fechar com uma pergunta, mas também isso é possível como mostra o livro de Jonas (Jn 4,11). Esta finalização deixa um clima de suspense³¹ sobre o que pode acontecer à congregação a partir da confirmação de Aarão³².

3. Contexto literário

O sentido de um texto é também relacional. Por isso, precisa ser situado no seu contexto literário, o que favorece uma melhor compreensão do conteúdo como parte integrada no livro dos Números, o qual relata a experiência da peregrinação do povo no deserto. Ele é redigido em três grandes ciclos narrativos, com uma composição complexa de relatos misturados com leis, possivelmente para enfatizar a necessidade do povo de fazer a vontade de Deus, no dia a dia de sua história³³. Segundo J. G. Wenham³⁴ podem ser separadas três importantes ocasiões de revelação: Sinai, Cades e Moab. Ao redor desses três nomes, está estruturada a marcha do povo, e o próprio livro dos Números: no Sinai (Nm 1,1–10,10), do Sinai para a região de Cades (Nm 10,11–21,20), de Cades até as planícies de Moab (Nm 21,25–36,13)³⁵.

³¹ Cf. SEEBASS, H. *Numeri* 10,1–22,1, p. 208. O autor relata que as lamentações finais de Israel tinham de ficar sem resposta, indicando assim que todos entenderam a lição (p. 208).

³² O terror dos filhos de Israel talvez leve os leitores a tirar suas conclusões sobre os fatos narrados. Criou-se um espaço enorme entre a congregação e o sagrado, tanto que a revolta de um grupo desde o início (16,3) contra aqueles que se colocaram acima da congregação, resultou no aniquilamento dos opositores (16,34-35) e, para aqueles que sobraram, a experiência terrível do fim iminente (17,27-28).

³³ Cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 29.

³⁴ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 17-18.

³⁵ A divisão do livro dos Números em três partes, conforme os lugares, é seguida por muitos autores (P. Buis, M. Noth, W. Coats, T. R. Ashley, entre outros), porém com grande variedade de opiniões. Para alguns, a primeira parte termina em 10,10. Para M. Noth e G. W. Coats, termina em 10,36, e para P. Budd, em 9,14. Quanto à conclusão da segunda parte, as opiniões também divergem segundo os autores: 20,13; 21,9; 22,1; 25,18. Poucos propõem uma divisão em duas partes: 1–25 e 26–36 (D. T. Olson), 1,1–10,10 e 10,11–36,13 (R. P. Knierim seguido de perto por J. L. Ska) (cf. SKA, J. L. *Introduzione alla lettura del Pentateuco*, p. 48).

O texto de estudo de Nm 16–17 está situado na segunda parte do livro, na parada do povo na região de Cades³⁶. Embora Números, como outras partes da Bíblia, não apresente a história do povo no deserto como cíclica, percebe-se este desenvolvimento dentro de cada ciclo ou bloco narrativo³⁷, já conhecidos em torno dos lugares: Sinai, Cades, Moab. Na comparação de cada ciclo com o precedente, torna-se visível o significado da fase posterior. Pode-se observar também um agrupamento tríplice das histórias acerca da murmuração na jornada do Sinai a Cades em Nm 11–12, e outra tríplice história de murmuração na parada do povo em Cades no deserto em Nm 16–17³⁸. A experiência do povo na região de Cades, literariamente ocupa o centro do livro, mais precisamente em Nm 13–14³⁹. Ali ocorre a grande crise da ruptura entre a geração do Êxodo e aquela da entrada em Canaã⁴⁰.

A. Schart⁴¹ nos apresenta uma estrutura concêntrica (*Ringstruktur*) de Nm 10,11–21,20 (a marcha no deserto do Sinai a Cades), que nos ajuda a visualizar e entender o texto de nossa pesquisa (Nm 16–17), na sua relação com a parte central do livro, e com as outras narrativas de culpa e castigo durante a marcha no deserto:

A Nm 10,11-28: Partida do Sinai

B Nm 10,35-36: Poesia

C Nm 11,1-3: O fogo de YHWH e intercessão depois do castigo

D Nm 11,4-35: Donativo das codornizes e punição da gula

E Nm 12: *Revolta de Miriam e Aarão: a importância de Moisés*

F Nm 13-14: *Revolta e conspiração do povo e morte da geração do Êxodo*

E' Nm 16–17: *Revolta de Datã, Abiram e Coré: a importância de Aarão*

D' Nm 20,1-21: Dom da água e nova frustração da tomada da terra

C' Nm 21,4-9: As cobras de fogo e a intercessão de Moisés após o castigo

B' Nm 21,17-18: Poesia

A' Nm 21,10-20: Expedição para Moab

A estrutura mostra que o episódio da revolta de Coré, Datã e Abiram, em Nm 16–17, relaciona-se com a crise na parada de Cades em Nm 13–14.

³⁶ Apenas os capítulos de Nm 13–14 são originalmente situados em Cades. O autor final acrescentou os cap. 15–19, com a intenção de unir Nm 16–17 com a crise de Cades e arredores (cf. ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers*, p. 229).

³⁷ Um belo exemplo é o ciclo da marcha do povo em Nm 10,11–21,20, organizada de forma concêntrica (cf. SCHART, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 56-68).

³⁸ Segundo G. J. WENHAM (*Números*, p. 17, nota. 2), o agrupamento tríplice de leis (Nm 5,5-6,21; 15; 33,5-36,12) e narrativas (Nm 11,1–12,16; 16,1-17,22; 22,2–24,25) são artifícios literários usados no livro dos Números.

³⁹ Cf. SCHART, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 56.

⁴⁰ Cf. BUIS, P. *O Livro dos Números*, p. 51-52.

⁴¹ SCHART, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 56. A estrutura de A. Schart aqui apresentada não contempla os textos jurídico-cultuais.

Ali ocorreu o levante do povo, instigado por alguns líderes, contra Moisés e Aarão. O grupo estava descrente da competência de Moisés em conduzir o povo rumo à terra prometida.

Seu contexto, portanto, abrange o período dos quarenta anos de caminhada no deserto⁴², e uma história caracterizada por frequentes conflitos, murmurações, rebeliões do povo e até dos líderes. Como consequência da rebeldia, toda aquela geração, incluídos Moisés e Aarão, irá morrer sem entrar na terra prometida. Nosso texto, que na maior parte é narrativo, encontra-se também inserido em uma seção jurídico-cultural de Nm 15–19, que trata das prerrogativas, privilégios e responsabilidades do clero⁴³. Na maior parte dos textos jurídico-culturais em Números, deduz-se que a tarefa primordial do povo era garantir o serviço de YHWH (Nm 9,23) como assembleia cultural. Em Nm 16–17, vemos que a questão cultural suscita problemas, não só com relação ao rito, mas também referente aos ministros habilitados para exercê-lo⁴⁴. O enredo de conflito contra a autoridade de Moisés e Aarão, que termina por legitimar a autoridade de Aarão como ministro instituído por Deus, encaixa-se muito bem nesta moldura cultural entre Nm 15 e Nm 18-19. Em sua composição, encontram-se entrelaçadas tradições de revolta contra Moisés e Aarão na marcha no deserto (Nm 16,12-15) com tradições de revolta na assembleia cultural contra o poder sacerdotal central. No contexto literário de toda a marcha do povo no deserto, especificamente na parada em Cades⁴⁵, o autor tem a última possibilidade de introduzir legislação ritual suplementar, e de acentuar as prerrogativas do sacerdócio antes da morte de Aarão, narrada em Nm 20,22-29⁴⁶.

Essa constatação de diferentes materiais, no livro dos Números, nos leva a adotar uma postura positiva quanto ao problema da relação entre narração e textos jurídico-culturais⁴⁷. Nosso texto contém uma seção de disposições normativas em Nm 17,1-5 (disposições sobre os incensórios) que pro-

⁴² No livro dos Números, aparecem seis notícias de caminhada (“eles partiram de... e acampam em...”) Nm 10,12; 20,1; 20,22; 21,10-11; 22,1; 25,1. Temos um gráfico das jornadas e paradas no Livro dos Números in: WENHAM, G. J. *Números*, p. 18-19.

⁴³ Cf. DOUGLAS, M. *Nel deserto*, p. 140-141. A autora mostra como o livro dos Números está organizado em sete partes narrativas que se alternam com seis partes legislativas: Narração 1-4; Lei 5-6; Narração 7-9; Lei 10,1-10; Narração 10,11-14; Lei 15; Narração 16-17; Lei 18-19; Narração 20-27; Lei 28-30; Narração 31-33; Lei 33,50-55; Narração 36 (p. 141).

⁴⁴ Cf. BUIS, P. *O livro dos Números*, p. 14.

⁴⁵ Cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 18-19. O autor estrutura a marcha do povo no deserto em jornadas e paradas, a partir dos três lugares: Sinai, Cades, Moab. Nosso texto encontra-se inserido na parada do povo na região de Cades.

⁴⁶ Cf. BLENKINSOPP, J. *Il Pentateuco*, p. 192-193.

⁴⁷ Cf. GARCIA LOPES, F. Narración y ley en los escritos sacerdotales del Pentateuco. *Estudios Bíblicos*, vol. 57, (1999), p. 271-287.

longa a conclusão de Nm 16,1-35 e, ao mesmo tempo, faz a transição para outra história de revolta em Nm 17,6-15. Não há, pois, contradição entre textos narrativos e legislativos, mas “há uma estrutura dialética entre narração e lei” (E. Zenger). As legislações cultuais defendem as instituições do sacerdócio e do culto cujo expoente máximo é Aarão. Por isso, nas histórias de revolta, ao castigar os rebeldes, Deus claramente mostra a autoridade divina de Moisés e Aarão. Isso é evidenciado no paralelo entre a revolta de Coré, Datã e Abiram em Nm 16–17 que dá importância a Aarão, com a revolta de Aarão e Mirian, em Nm 12, que dá importância à autoridade de Moisés. Tendo no centro (Nm 13-14) a famosa crise de Kades. Por esses motivos, a interpretação deverá considerar com atenção a teologia do sacerdócio e seu caráter sagrado, em Nm 16–17, na sua moldura jurídico-cultural, e na sua relação com outros textos sobre as instituições do sacerdócio e do culto (cf. Nm 1–4)⁴⁸, e de murmurações e revoltas no deserto. Será, no entanto, à luz do contexto litúrgico cultural da tradição sacerdotal, que se entende a inclusão do conflito de Datã e Abiram contra Moisés (Nm 16,12-15) e o surgimento dos conflitos entre os levitas (Nm 16,10). É bem possível que “numa época tardia do período persa, um conflito entre o povo e o grupo levita acabou se transformando em um conflito entre os levitas que cobizavam o privilégio da classe sacerdotal”⁴⁹ no acesso ao templo. É o que veremos com a discussão sobre o contexto histórico que deu origem a narrativa e nos possibilita compreender melhor o objetivo da inserção desse texto sacerdotal no contexto das caminhadas e paradas do povo do Sinai a Kades (Nm 10,11-21,20).

4. Contexto histórico e sentido do texto

A partir da tradição sacerdotal⁵⁰ que caracteriza a forma final de Nm 16–17, podemos situar o contexto histórico e um período bastante aproximado de sua composição. São indicações ancoradas no consenso da maior parte dos pesquisadores.

A tradição de Coré levita, em Nm 16–17, é confirmada em outros textos sacerdotais (Ex 6,16-21) e principalmente textos tardios (1Cr 5,27-28, 6,7.22-23). Coré é incluído em genealogias de famílias levíticas de porteiros e cantores (1Cr 9,18-19; 26,1; 2Cr 20,19). Seus filhos se tornam composito-

⁴⁸ Sobre a relação de Nm 16–17 com Nm 1-4, cf. DOUGLAS, M. *Nel deserto*, p. 180.

⁴⁹ SEEBASS, H. *Numeri, 10,1-22,1*, p. 188.

⁵⁰ Ainda permanece um consenso da maior parte dos autores sobre a composição sacerdotal do Pentateuco após o exílio. Sendo a tradição sacerdotal a mais identificável, creio ser possível propor uma época de composição bastante aproximada para Nm 16–17 no tempo de Esdras e Neemias.

res de Salmos (Sl 42-49; 84; 85; 87; 88). Segundo G. Wanke⁵¹, o autor teria usado material de uma revolta antiga liderada por Coré. Esse grupo de revoltosos, no contexto da controvérsia entre o pessoal do culto em Jerusalém, foi transformado num grupo coreíta levítico que se revoltara contra as instituições do sacerdócio e do culto no templo. Isso aconteceu após a volta do exílio e, o mais tardar, na época do cronista cerca de 350 a.C. Foi no tempo do Exílio com Ezequiel e um pouco depois, que apareceu a clara distinção entre levitas e sacerdotes, filhos de Sadoc⁵². Os primeiros são excluídos do altar, acusados de terem deixado Israel desviar-se (Ez 44,10-14; 48,11), e finalmente reduzidos a simples servidores. O serviço exclusivo de YHWH é reservado aos sacerdotes sadocitas (Ez 40,46; 44,15-16). A legislação sacerdotal confirma essa distinção, dilatando a terminologia de Ezequiel: os sacerdotes são chamados “filhos de Aarão”; o que reconcilia os dois ramos (de Sadoc e Abiatar)⁵³. A temática da autoridade de Aarão como chefe dos sacerdotes e os privilégios da classe sacerdotal em relação aos levitas estão presentes em Nm 16,8-11; 17,1-28 e mais claramente em Nm 18,1-7. Ali são especificadas as funções dos sacerdotes a serviço do altar e dos levitas como seus auxiliares.

Situação bem diferente é a das tradições mais antigas do deuteronômio (Dt 18,1-8) em que a tribo de Levi aparece inteiramente sacerdotal. Os indicados para o sacerdócio são chamados levitas (Dt 18,6-80) ou “sacerdotes levíticos” (Dt 10,8-9; 17,9.18; 33,8-11), e Aarão é aquele que é infamado (Dt 9,20; 32,50-51)⁵⁴.

⁵¹ WANKE, G. *Die Zionstheologie Korachiten*, p. 27.

⁵² O nome Sadoc, que encabeça o grupo sacerdotal a serviço de Davi, talvez nem seja israelita, mas de origem cananita (cf. CROSS, F. M. *Canaanite Myth and Hebrew Epic, Essays in the History of Religion of Israel*, p. 21, n. 62). Há outro cenário, segundo J. W. MILLER (*As origens da bíblia*, p. 51), “mais digno de crédito sobre a origem dos sadocitas. 1Cr 12,24-41 relata que, entre os homens armados que ajudaram Davi em Hebron, destacam-se os aronitas (v. 27-29) e, dentre eles um valente chamado Sadoc. Sugere-se que esse poderia ser o Sadoc quem Davi, mais tarde, instalou como sacerdote em Jerusalém. Isso é relevante, visto que outras fontes se referem aos ancestrais sacerdotais como “filhos de Aarão” (Nm 18,1-7). Devemos dizer que as informações são escassas sobre os sadocitas. Sadoc não aparece em nenhuma genealogia sacerdotal do Pentateuco, mas somente em genealogias tardias (1Cr 5,27-41; 6,36-38; 9,11; Esd 7,1-5; Ne 11,10). Como aparecem tão cheias de dificuldades textuais, alguns concluíram que elas foram manipuladas (F. M. Cross). Assim sendo, consideramos que, ao associar o nome Sadoc à descendência de Aarão do ramo levítico, essas genealogias têm o objetivo de legitimar os sacerdotes vindos do Exílio como legítimos herdeiros das promessas. Assim, os sadocitas pós-exílicos são os aronitas, ou filhos de Aarão, que aparecem nos textos da última composição sacerdotal do Pentateuco.

⁵³ Cf. ABADIE, P. *O Livro das Crônicas*, p. 9.

⁵⁴ Cf. MILLER, J. W. *As Origens da Bíblia* p. 45; GALLAZZI, A. *A Teocracia Sadocita, sua história e ideologia*, p. 212.

Coré, como líder da revolta de levitas, em Nm 16,8-10, pode representar a voz profética em favor dos levitas excluídos de participarem dos direitos do templo no período pós-exílico⁵⁵. Do mesmo modo, em Nm 16,1-3, Coré representa o grupo profético de oposição, pois estava junto com outros grupos que reclamavam contra o excesso de autoridade de Moisés e Aarão, em base no princípio de que toda a congregação é santa. Mais especificamente é incluída aqui a oposição de um grupo de leigos, contra a tutela cúltica do grupo sacerdotal representado por Moisés e Aarão. Eles são qualificados como “chefes da congregação, chamados do conselho, homens de nome” (16,2b)⁵⁶. Parece claro que a oposição desse grupo consistia em negar uma legitimação teológica às instituições do templo e do sacerdócio pós-exílico⁵⁷.

Conforme J. Blenkinsopp, todas essas disputas de grupos menores, com a crescente importância dos sacerdotes aronitas que se apossaram do poder em tempos pós-exílicos estão refletidas na revolta de Coré e seus seguidores derrotados⁵⁸.

Quanto à tradição de Datã e Abiram, pelo vocabulário da marcha no deserto (Nm 16,12-15), os autores consideram que seja pré-sacerdotal⁵⁹. O restante do texto com a inclusão da tradição de Coré com a história da vara florida de Aarão (17,16-28) é sacerdotal, e de uma composição depois do exílio, e na sua forma final, pode ser até mesmo um pouco depois da reforma de Esdras e Neemias⁶⁰.

É por causa dos conflitos presentes em nosso texto que as narrativas ditas sacerdotais retratam melhor o período do pós-exílio tardio, quando havia disputas entre levitas e sacerdotes aronitas⁶¹. Por isso também, na presente pesquisa, optamos por uma composição pós-exílica de Nm 16–17. Há,

⁵⁵ A função dos levitas nesse período não se reduz a uma função cultual. Eles possuem também uma dimensão profética, assim como parece evidente em 2Cr 15,1-7; 20,14-17: “O Espírito de Deus desceu sobre Azarias, filho de Obed (um levita)” (2Cr 15,1) e “sobre Jaaziel, o filho de Zacarias, o levita” (2Cr 20,14) (cf. ABADIE, P. *O livro das Crônicas*, p. 8).

⁵⁶ Conforme R. ALBERTZ, *História de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 602, a permanente oposição dos leigos aos privilégios da classe sacerdotal em Nm 16–17 tornou impossível a separação, pelo menos no aspecto arquitetônico, dos átrios interior e exterior do segundo templo (515 a.C). Mais tarde, no templo herodiano, a barreira de separação consistia em um muro de pedra de aproximadamente meio metro de altura (Flavio Josefo, Bell V, 226). Parece que houve época em que nem sequer existia esta separação. Este foi um sinal de que as queixas dos revoltosos (16,3) foram vozes proféticas em favor da participação mais efetiva dos leigos no culto.

⁵⁷ Cf. ALBERTZ, R. *História de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 631.

⁵⁸ Cf. BLENKINSOPP, J. *Il Pentateuco*, p. 194.

⁵⁹ Cf. Os estudos mais recentes Blum, Smith, Shorn, Seebass.

⁶⁰ Cf. A pesquisa da crítica de fonte, neste capítulo, p. 90-96.

⁶¹ Cf. MILLER, J. W. *As Origens da Bíblia*, p.131.



no entanto, posições diferentes sobre os motivos e a época histórica de nosso texto.

E. Blum e R. Albertz relacionam Nm 16–17 com a composição do cânon do Pentateuco. Este teria se formado por duas correntes: uma constituída por um complexo mais antigo, pré-sacerdotal, retocado pelo deuteronômio, e outra constituída pelo Código Sacerdotal. Teria sido do interesse sacerdotal corrigir energicamente certas noções de cunho deuteronômico, entre as quais o conceito de santidade de todo o povo. Esse procedimento estaria documentado em Nm 16–17, na ênfase à derrota dos revoltosos que se amotinaram contra Moisés e Aarão, argumentando que toda a congregação é santa. Por isso os líderes sacerdotes não deveriam elevar-se sobre a assembléia (Nm 16,3)⁶². Essa tese, segundo H. Seebass nos remete a um tempo imediatamente pós-exílico, no contexto de dispersão e crise de identidade de Israel. Nesse período, Jerusalém, o monte Sião com seu templo e o sacerdócio cresciam em peso para a teologia histórica de Israel. Nesse sentido, justificava-se o interesse do autor (ou autores) de defender a instituição do sacerdócio e os serviços subalternos dos levitas, contra a qual, na sua visão, não seria legítima qualquer iniciativa de revolta⁶³. Também P. Budd, nessa mesma linha, situa a composição final de Nm 16–17 no período pós-exílico, no qual, devido ao perigo de desordem, a teologia da ordem e das instituições é de suma importância. Os sacerdotes do Judaísmo Babilônico perceberam sua necessidade na nova situação na Palestina, como pré-requisito para a comunidade encontrar sua identidade e aí criar raízes profundas e duradouras⁶⁴. Portanto, a narrativa documenta o singular esforço de um grupo do povo de Deus em salvar as instituições. Esse empenho dos autores era uma questão de sobrevivência de Israel numa fase difícil com o perigo de extinção da nação.

Alguns comentários tendem a situar a origem da fonte sacerdotal em tempos pré-exílicos. Trazemos as posições desses autores a partir do essencial do nosso texto sobre a temática do conflito contra autoridade: A queixa em Nm 16,3 expressa a revolta de um grupo que, em base no princípio da santidade de toda a congregação, parece descartar a necessidade de um mediador ou uma tribo especial para assegurar o culto. Esta revolta pode ser aquela dos rubenitas Datã e Abiram (Nm 16,1b.12.25.27b) que se levantaram contra Moisés e os privilégios dos levitas em geral. Embora em Nm 16,3 não seja explícito que a queixa era contra os levitas, autores antigos julgam

⁶² Cf. ALBERTZ, R. *História de la religión de Israel em Tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 614-615; BLUM, E. *Studien zur Komposition des Pentateuch*, p. 345-348; SEEBASS, H. *Numeri 10,1-22,1*, p. 211.

⁶³ Cf. SEEBASS, H. *Numeri, 10,1-22,1*, p. 211.

⁶⁴ Cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p.198.



que Moisés e Aarão deveriam aparecer com o apelativo: filhos de Levi⁶⁵. Assim, a expressão “filhos de Levi” formaria um slogan dos rebeldes contra Moisés e Aarão. Esses acontecimentos, segundo De Vault⁶⁶, poderiam ser reflexo das preocupações da época em que o culto se organizava, ou mesmo a reação anti-levítica de Jeroboão I (1Rs 12,31). O autor evoca então algumas situações pré-exílicas das quais certas partes da tradição sacerdotal poderiam ter origem. Assim, o texto Sacerdotal, em 16,4-7, é possível que seja reflexo da época que precede a reforma de Josias, quando muitas famílias reivindicavam para si, ou recusavam aos outros, a legitimidade do sacerdócio. A família de Coré teria sido uma entre elas, ao lado das famílias de Sadoq e Abiatar. Ao convidar Coré e os seus a apresentar-se diante de YHWH para oferecer o incenso (v. 6-7), Moisés os autoriza a desempenhar funções sacerdotais deixando a YHWH o direito de exprimir quem seria a família sacerdotal escolhida (v.7)⁶⁷. Essa tendência de situar a tradição sacerdotal num período pré-exílico fora contestada pela tese de que os conflitos entre sacerdotes e levitas, se acirrou mais fortemente no tempo do pós-exílio⁶⁸. Porém, é provável que a origem dos conflitos nas tradições sacerdotais tardias remontem ao tempo da reforma de Josias (2Rs 24,4-15), quando os levitas não tinham permissão de officiar no templo de Jerusalém (2Rs 23,9), devendo ser submissos aos sacerdotes sadoquitas, que se apresentavam como descendentes de Aarão⁶⁹. Com a volta do exílio de Babilônia, quando a classe sacerdotal assumiu maior poder com a reforma de Esdras e Neemias, os conflitos tornaram-se mais comuns⁷⁰. Observa B. A. Levine⁷¹ que, em Nm 16,7-11, o verbo separar é utilizado para caracterizar a separação social e religiosa da comunidade pós-exílica (cf. 1Cr 23,13; 25,1; Esd 8,24). Na sua forma,

⁶⁵ Cf. GRAY, B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, p. 197.

⁶⁶ DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 191-192.

⁶⁷ Cf. DE VAULX, J. *Les Nombres*, p. 13; DE VAUX, R. *Instituições do Antigo Testamento*, p. 217-221.

⁶⁸ Desde J. Wellhausen, com sua obra *Prolegomena to the History of Israel* (1878), tem sido considerado que o relacionamento entre sacerdotes e levitas com os seus conflitos originou-se em tempos posteriores ao exílio (cf. WENHAM, G. J. *Números*, p. 80).

⁶⁹ Tanto P. BUDD (*Numbers*, p.189-192) como E. W. DAVIES (*Numbers*, p.166) consideram o período em torno da reforma de Josias como o background da tradição sacerdotal que deu a forma final para Nm 16–17. J. MILGROM, (*Leviticus*, p. 3) postula à existência de instituições sacerdotais num período anterior à existência nacional de Israel. Estas instituições sacerdotais existentes nas culturas vizinhas a Israel podem ter continuado por muito tempo. Numa data relativamente tardia é bem possível que fossem introduzidas em Israel.

⁷⁰ Cf. BUDD, P. J. *Numbers*, p. 189. As acusações contra Moisés e Aarão de terem se elevado sobre a assembléia de YHWH (16,3) podem ser acusações do povo da terra no pós-exílio contra lideranças político-religiosas de Esdras e Neemias que centralizaram o culto em Jerusalém.

⁷¹ Cf. LEVINE, B. A. *Numbers 1-20*, p. 415.

Nm 16,8-10 confirma as tradições sobre os levitas como servidores do culto e separados do sacerdócio aronita⁷². A disputa dos levitas que, além dos privilégios reconhecidos de estar separados para servir à tenda do encontro (Nm 16,7b-9), buscavam também o sacerdócio (Nm 16,10) pode ser situada na época de Esdras e Neemias e até um pouco depois. Ao desejar queimar o incenso, alguns almejavam os direitos do sacerdócio. Nosso texto deixa entrever que o grupo que ofereceu o incenso era composto de leigos, entre os quais estava o levita Coré (Nm 16,16-19).

Essa busca do sacerdócio, que inclui o direito de queimar o incenso, remete também há um tempo tardio do pós-exílio. A esse respeito, a obra do cronista dessa época, em 2Cr 26,16-23, relata que o rei Ozias fora castigado de lepra porque se encheu de orgulho, pecando contra YHWH ao entrar no templo para queimar incenso. Tal ação cultual era permitida somente aos sacerdotes descendentes de Aarão (2Cr 26,18).

Retomando mais de perto a questão do conflito sobre os direitos dos levitas, segundo J. W. Miller⁷³, o tempo de Esdras e Neemias era o “único período em que sacerdotes e levitas estavam voltados para a discussão dos seus direitos, incluindo o direito do oferecimento do incenso. Nesse período os reformadores assumiram o desafio de reconduzir os levitas do templo de Jerusalém depois de quatro séculos de controle sadoquita exclusivo”⁷⁴. Mesmo havendo o esforço por parte do governo, os conflitos continuaram. Neemias, na sua volta à Judéia para o segundo mandato de governador (445 a.C) constatou que famílias de levitas, nomeadas para cumprir tarefas no templo em Jerusalém, foram forçadas a voltar para suas propriedades rurais, pois não recebiam os meios de subsistência (Ne 13,1)⁷⁵. Esse era um indício claro de que o grupo da elite sacerdotal se apossara das rendas do santuário, negando a sustentação aos levitas subalternos. Com a história da revolta do povo, seguida da expiação feita por Aarão (17,6-15), e a história da vara florida de Aarão (17,16-28), o controle aronita dos assuntos no templo é definitivamente confirmado (17,5). Essas histórias servem de base aos decretos aronitas, em Nm 18,1-7, que colocam as regras para governar, e os papéis dos levitas e sacerdotes aronitas no santuário. Tais decretos parecem ser posteriores às reformas de Esdras, que não se incomodava de encarregar

⁷² LEVINE, B. *A Numbers 1-20*, p.423.

⁷³ MILLER, J. W. *As origens da Bíblia*, p. 131.

⁷⁴ Os levitas foram reconduzidos ao templo com certos privilégios, mas deviam continuar nos seus ofícios bem distintos e dependentes dos sacerdotes.

⁷⁵ MILLER, J. W. *As origens da Bíblia*, p. 146. Segundo J. BLENKINSOPP (*Il Pentateuco*, p. 194), a regulamentação dos direitos dos levitas (Nm 18,21-24) por parte do governador lhe trazia vantagens, pois ele podia contar com o apoio dos levitas nos seus conflitos frequentes com os sacerdotes (Ne 13,10-14).

sadoquitas e levitas dos utensílios e ofertas trazidos da Babilônia (cf. Esd 8,24-30)⁷⁶.

Concluída no período pós-exílico, a história da revolta de Coré, Datã e Abiram pode ser considerada na sua forma final, uma projeção para o tempo do deserto dessas disputas entre levitas e sacerdotes existentes em uma época bem posterior⁷⁷. Na época pós-exílica, as instituições sacerdotais na sua origem são assim reconduzidas à época da marcha do povo sob a liderança de Moisés e Aarão, para dar sustentação teológica aos sacerdotes com o respaldo de YHWH⁷⁸. Deve-se à crise de identidade no pós-exílio, que resultou na necessidade de um fundamentalismo no sacerdócio, no templo e no culto, visando à sobrevivência da raça judaica⁷⁹. Foi então que “os redatores Sacerdotais trajaram Aarão com o manto do sumo sacerdote pós-exílico, a tenda do encontro transformou-se no templo de Jerusalém inaugurado em 515 a.C., bem como a idéia de uma democracia de base, do serviço sacerdotal de toda a comunidade de Israel, expressa na queixa dos revoltosos em Nm 16,3, foi suplantada pela separação entre clero e laicato”⁸⁰. Tudo convergia para a refundação centrada numa ordem político-religiosa com autoridade plena do sacerdócio estabelecido no poder⁸¹. Nesse contexto, visando à consolidação de uma nação que nos tempos do pós-exílio deixou de formar uma única comunidade, mas um aglomerado de núcleos na dispersão, os autores acharam que a religião era questão de vida ou morte para uma nação dispersa e reduzida. A transposição desses fatos para o tempo do deserto tornava mais evidente a necessidade de refundar uma prática religiosa que precisava de legitimidade por meio das orientações divinas vindas por meio de Moisés na tenda do encontro⁸². Nessa ótica a ira de Deus sobre os líderes e todos aque-

⁷⁶ MILLER, J. W. *As Origens da Bíblia*, p. 132.

⁷⁷ Cf. NOTH, M. *Numbers*, p. 138-139; F. GARCIA LOPES (cf. *O Pentateuco*, p. 191) relata que a ordenação dos sacerdotes nos textos sacerdotais não correspondem à época de Moisés e Aarão, como é, por exemplo, a consagração dos sacerdotes em Lv 8-10. São textos bem tardios.

⁷⁸ BERNINI, G. *Il libro dei Numeri*, p. 173. Neste contexto, é plenamente compreensível a assimilação da história da revolta de Datã e Abiram, com a finalidade de hostilizar os levitas que estavam ambicionavam demais, “até mesmo o sacerdócio” (16,10).

⁷⁹ Cf. SEEBASS, H. *Numeri 10,1-22,1*, p. 212.

⁸⁰ ZENGER, E. Os livros da Tora / do Pentateuco. In: _____ et al. *Introdução ao Antigo Testamento*, 2. ed., p. 131.

⁸¹ A. GALLAZZI (*A Teologia Sadocita, sua história e ideologia*, p. 56) relata que a figura de Aarão como sumo sacerdote “foi uma figura elaborada desde a diáspora, que tentaria substituir a figura do rei davídico, cuja memória era perigosa para os Persas. Os judaítas da diáspora podiam mais facilmente identificar-se como povo religioso ao redor do templo e do sumo sacerdote do que como povo político ao redor do rei”.

⁸² Cf. SEEBASS, H. *Numeri 10,1-22,1*, p. 211-212; ALBERTZ, R. *História de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 642-643.

les que se revoltavam contra a organização sacerdotal hierárquica se reveste de uma validade temporária. Trata-se de um urgente socorro da parte de YHWH às autoridades enfraquecidas. As ações divinas violentas querem visualizar o salvamento da liderança do povo, enfraquecida em sua estrutura sob uma potência estrangeira. Nesse contexto, do ponto de vista dos judeus dispersos que voltaram do exílio, Nm 16–17 pode ser visto com a função apologética de defender as lideranças sacerdotais que organizam a comunidade⁸³. Aqui motivos históricos justificam a presente composição de uma antiga revolta de leigos, Datã e Abiram, contra a liderança de Moisés na caminhada no deserto ser utilizada para formar um enredo maior, que retrata conflitos de levitas contra o poder sacerdotal. Uma história de revolta contra autoridade envolvendo grupos com pretensões diferentes, cujo enredo acentua o fracasso dos revoltosos, prestava-se magistralmente para hostilizar ainda mais os levitas e outros opositores que viessem a se levantar contra a ordem sacerdotal central⁸⁴.

Essa ordem era irrestritamente confirmada por decreto divino. Por isso os revoltosos, ou aqueles que pretendiam o sacerdócio, eram acusados de rebeldia contra o próprio Deus (Nm 16,10-11). Deus tornara-se o proprietário do povo, e seus líderes o representavam como mediadores de sua vontade. Qualquer ataque contra eles era vindicado pelo próprio Deus. Nesse contexto, entende-se a revelação da glória de Deus na tenda do encontro com sua ira implacável contra aqueles que ousassem ultrapassar os limites do sagrado e, especialmente, aqueles que atentavam contra a ordem hierárquica estabelecida por Deus.

Portanto, a partir do contexto histórico do pós-exílio e a julgar pela prevalência do escrito Sacerdotal, originário nesse período também com seus suplementos redacionais, podemos situar a redação final de Nm 16–17 a partir de 520 a.C. para a tradição de Coré e os duzentos e cinquenta líderes. A tradição de Datã e Abiram, aí caracterizada é pré-sacerdotal com influência deuteronômica, depois de 650 a.C até o tempo do exílio de Babilônia⁸⁵. A

⁸³ Nesse ponto de vista sacerdotal de releitura de textos antigos, julgamos que a história em Nm 16–17 foi escrita do ponto de vista dos vencedores, pois todos os adversários que se revoltaram foram derrotados. O poder centralizado do sumo-sacerdote acabou se impondo no final sem oferecer resistência.

⁸⁴ A oposição a uma visão de uma religião mais universal, por parte de uma casta sacerdotal, e também oposição à tendência sectária de alguns grupos era comum no pós-exílio, na época do segundo templo (cf. DOUGLAS, M. *Nel Deserto*, p. 61-63).

⁸⁵ O tempo é aproximado. Inspiramo-nos, em parte, na proposta de composição do Pentateuco de Zenger e Blum, onde fica claro que as tradições, antigamente chamadas Javistas, do tempo de Salomão como foi atribuída à tradição de Datã e Abiram, devem ser deslocadas para uma época mais tardia. Segundo a maioria dos autores trata-se de uma tradição pré-sacerdotal.

composição que juntou a tradição de Coré e incluiu o conflito entre sacerdotes e levitas, em vista de confirmar o sacerdócio aronita, seria por volta de 400-350 a.C.

Foi nesse tempo que o texto adquiriu a forma final⁸⁶ no período de dominação persa, um pouco depois da missão de Esdras e Neemias⁸⁷. Com efeito, para S. J. Vries, um dos propósitos centrais dos livros das Crônicas, também dessa época, foi “a legitimação dos levitas como rivais dos sacerdo-

Sendo a “composição” do Pentateuco também uma elaboração literária a partir das tradições mais antigas (modelo de E.Blum). Não negamos que essas tradições de Datã e Abiram sejam mais antigas e sofreram mudanças na tradição textual. A propósito, as diferenças nos textos sobre o castigo dos revoltosos que mencionam Datã e Abiram ora juntos, ora separados de Coré (cf. Sl 106, 16-18; Eclo 45,18-20; Nm 26,8-11; Dt 11,6), indicam que deve haver alguma diferença de época entre uma tradição e outra, mesmo que não tenhamos estas histórias separadas uma da outra, mas somente integradas em Nm 16-17.

⁸⁶ Dentre os estudiosos que defendem a época de composição final pós-exílica tardia (ao menos defendem que a última camada sacerdotal, seja do pós-exílio tardio) mencionamos: GRAY, G. B. *A critical and exegetical commentary on Numbers*, p.186-196; NOTH, M. *Numbers*, p.120-122; STURDY, S. *Numbers*, p.115-116; SNAITH, N. H. *Leviticus na Numbers*, p. 255; BUDD, J. P. *Numbers*, p. 181-186; DE VAULX, J. *Les Nombres*, p.189-195; MILGROM, J. *The book of Numbers* p. 414-423; ASHLEY, T. R. *The book of Numbers*, p.302. Observa-se, no entanto, dada a complexidade da composição do livro dos Números, que os autores são comedidos ao tratar do contexto histórico. Quando o fazem, é de forma muito discreta referindo-se à contextualização da tradição sacerdotal em termos genéricos no pós-exílio e no exílio para algumas tradições. P. BUIS (*O livro dos Números*, p. 9) por exemplo, adverte que seria arriscado adiantar uma hipótese a partir das etapas de redação de Números. Observa, porém, que muitos relatos e legislações provêm dos sacerdotes de Jerusalém no tempo do exílio e principalmente no pós-exílio. São dados em favor de uma contextualização histórica do livro dos Números nesse período.

⁸⁷ É um período de escassa documentação. O “terminus a quo” para a composição do Pentateuco seria 520 a.C. Quanto ao nosso texto, foi nessa época, que a tradição P da revolta de Coré foi composta. Porém, as tradições que foram juntadas nessa composição como a revolta de Datã e Abiram são mais antigas, se consideramos a fase da tradição oral. Quanto à redação sacerdotal final, é bem possível que coincida com a época da composição final do Pentateuco. Sendo que encontram-se textos sacerdotais bem tardios em Nm 16-17, pode-se então fixar o “terminus ad quem” de sua composição na época em que o Pentateuco adquiriu sua forma final entre 400 e 350 a.C. (Sobre o contexto histórico da composição final do Pentateuco, cf. ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel em Tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 620). Certas informações do livro de Neemias depõem em favor da composição final de Nm 16-17 no período das reformas de Esdras e Neemias. O livro de Neemias relata que o governador estabeleceu “regulamentos para os sacerdotes e levitas, definindo o dever de cada homem” (Nm 13,30). Porém, estas obrigações na realidade não estavam especificadas e foram enunciadas com clareza somente em 1Cr 23-27. Observa J. W. MILLER (*As origens da Bíblia*, p. 147, nota 16), que Nm 16-17, é o único texto do Pentateuco a falar dos direitos dos levitas nas suas relações com os sacerdotes. No entanto, fala dos direitos dos levitas em relação aos sacerdotes em escala bem menor. Ai é esclarecido mais o que os levitas não têm permissão de fazer em relação aos sacerdotes que têm privilégios conferidos por Deus (cf. Nm 17,6-28; 18, 1-32).

tes no culto da Restauração”⁸⁸. Especialmente 1Cr 23-27 foi um texto concebido para servir, em todo material de Esdras-Neemias e das Crônicas, como legitimação da “ordem adequada do pessoal do templo, especialmente em época de renovação nacional e cültica”.

Nessa época do pós-exílio, podem melhor ser situados esses conflitos de grupos de levitas diante do poder do sacerdócio central que mantinha o monopólio do templo. Em nossa interpretação, eles podem ser reflexo dos conflitos nos textos sacerdotais em Nm 16–17 (cf. Nm 16,8-11.16-17. 17,16-28). Nesse sentido, Nm 16–17 não pode ser um texto composto para descrever a situação e os conflitos do povo na travessia do deserto, mas sim um texto bem tardio, em que os conflitos de Coré, Datã e Abiram contra Moisés e Aarão (mesmo que aí alguns reconheçam tradições antigas) são na verdade conflitos de leigos e levitas contra a autoridade central do sacerdócio sadocita no pós-exílio. A história foi, então, escrita no pós-exílio, mas projetada para o tempo do deserto como uma revolta contra Moisés e Aarão, que resultou na absoluta derrota dos revoltosos, em vista de mostrar o destino que poderia aguardar aqueles que se revoltassem contra a instituição sacerdotal

5. Objetivo do texto final: defesa da instituição do sacerdócio

No contexto histórico, após a volta do exílio de Babilônia, a história da revolta fracassada de Coré, Datã e Abiram têm o objetivo de dar sustentação teológica à classe sacerdotal sadocita frente à oposição de outros grupos (levitas ou leigos) contrários a seus projetos reformistas. O texto espelha esses conflitos de leigos e levitas contra o grupo sacerdotal que voltara do exílio e empreendera uma reforma religiosa. Julgamos que a história foi uma composição dos sacerdotes repatriados com a finalidade de firmar-se na liderança e dirigir os destinos da comunidade dispersa em Judá. Aarão representa, então, o sumo-sacerdote sadocita⁸⁹ que assumiu a liderança religiosa e política sobre Judá. Nesse contexto, a classe dominante seria a dinastia sadocita do segundo templo. Esses sadocitas, para se legitimarem como os verdadeiros herdeiros do sacerdócio, fizeram-se descendentes de Aarão mediante a adoção de genealogias tardias do livro de Esdras, Neemias, e Crôni-

⁸⁸ VRIES, S. J. “Moses and David as Cult Founders in Chronicles” *Journal of Biblical Literature*, n. 107/4, p. 638.

⁸⁹ “O cargo de sacerdote principal já existia no templo pré-exílico de Jerusalém (2 Rs 25,18). Sua transformação no novo conceito de sumo-sacerdote, introduzido através dos sacerdotes reformistas que regressaram do exílio (Ag 1,1; Zc 3,1), se pode interpretar como a pretensão de que um membro da classe sacerdotal ocupara permanentemente a função cültica em substituição do rei que havia desempenhado até então também funções sacerdotais”, ALBERTZ, R. *História de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 603.



cas (Esd 7,1-5; Ne 11,10; 1Cr 5,27-41; 6,36-38; 9,11)⁹⁰. O que parece evidenciado em nosso texto no simbolismo da vara de Levi que leva escrito o nome de Aarão (Nm 17,18) e que é depositada como sinal e memorial diante do testemunho (Nm 17,25).

Os sacerdotes sadocitas controlavam o culto e colocavam-se como uma dinastia sacerdotal cujo poder passava de pai para filho. Nessa situação, os levitas eram privados do acesso aos direitos das ofertas no templo⁹¹ e reduzidos a servos dos sacerdotes. Essa narrativa seria uma projeção de fatos da história pós-exílica para o tempo do deserto, no contexto da caminhada após a revelação do Sinai, para mostrar que o Senhor está presente no meio de uma nova assembléia cultural e lhe dá legitimidade⁹².

Parece claro que a história então foi escrita na ótica do poder sacerdotal, sendo apresentada como uma rebelião “arquétipo” fracassada fragorosamente em vista de salvaguardar a liderança sacerdotal de eventuais conflitos com o povo da terra. A história da revolta de Coré, Datã e Abiram e o julgamento como castigo terrível dos revoltosos veio, então, reforçar o grupo sacerdotal na liderança da comunidade. Assim, os líderes, quando atacados ou pressionados por outros grupos, eram vindicados pelo próprio Deus, que os havia escolhido. As regulamentações sobre as relações dos sacerdotes e levitas, e mais ainda as prerrogativas sacerdotais, ganharam status de torá cultural. O autor pretendia dar ao culto o mesmo valor teológico conferido à lei⁹³. Deus, que havia se revelado no Sinai e concedido a torá a Moisés, con-

⁹⁰ Na verdade, os aronitas ou filhos de Aarão, nos livros do Pentateuco, seriam então esses sadocitas que governaram o povo a partir do segundo templo.

⁹¹ Segundo a concepção reformista, a porção melhor e mais abundante dos sacrifícios expiatórios, dos sacrifícios penitenciais, das oblações (Nm 18,9; cf. Lv 2,3; 7,9; 5,13; 6,18-19) de flor de farinha, do vinho, do azeite, e do trigo (Nm 18,12; Ne 10,38) era reservada aos sacerdotes, cf. ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel em tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 605-606.

⁹² Conforme A. H. J. GUNNEWEG, (*Teologia Bíblica do Antigo Testamento*, p. 315. “A narrativa histórica do Sacerdotal é uma projeção retroativa das idéias e teologúmenos sacerdotais para o passado canônico mosaico. A intenção do sacerdotal, visa a um programa que parte da situação real na época do pós-exílio e a pressupõe: templo, sacerdotes, levitas, Israel como comunidade não-estatal em torno de um templo mas ao lado dela uma diáspora. Isso precisa ser legitimado por uma etiologia”, que preserve o que é essencial à Israel como povo de Deus.

⁹³ Cf. ALBERTZ, R. *História de la religión de Israel em Tiempos del Antiguo Testamento II*, p. 643. Essa interpretação de Nm 16–17 no sentido de justificar a missão dos sacerdotes com a revelação a Moisés e Aarão na tenda do encontro, fundamenta-se no contexto da revelação e aliança do Sinai, pois também em Ex 24,15b-18 os autores sacerdotais introduziram um claro paralelismo das prescrições cúlticas com a narração da teofania (Ex 19–20). Conforme R. Tünnerman (*As Reformas de Neemias*, p. 59) seguindo F. C. Fensham, cf. *The Books of Ezra and Nehemiah*, p. 16-19, “estar de acordo com os princípios da Torá deve ser considerado um dos elementos mais importantes pelos quais o judaísmo pós-exílico persistiu diante das muitas

tinuava a revelar-se na tenda do encontro, de onde Moisés ou Aarão recebiam instruções sobre o culto. A tenda do encontro e a revelação da glória durante a peregrinação no deserto eram como uma nova edição da teofania do Sinai. Na verdade, a tenda do encontro “era o templo centro da reforma que já existia no deserto como templo transportável”⁹⁴. Em situação de conflito, aparecia a glória de YHWH, que revelava as soluções a Moisés ou a Aarão, mediadores autorizados entre Deus e a congregação. Esses líderes, com o privilégio de obter soluções definitivas por meio da revelação de Deus na tenda do encontro, conseguiram a aprovação de sua liderança no culto com um estatuto teológico. A liderança sacerdotal passou a ser incontestável porque fora instituída por Deus no contexto da revelação do Sinai e da peregrinação no deserto.

A questão de aceitar ou não a liderança sacerdotal sadocita no período depois da volta do exílio era pois colocada como fator determinante para prosseguir rumo à terra prometida, ou retroceder rejeitando o projeto do êxodo. Esse parece ser um primeiro motivo da memória da revolta e do castigo do grupo de Datã e Abiram e o grupo de Coré também no Sl 106,16-18⁹⁵.

A revolta dos dois grupos é vista aí no mesmo nível como oposição ao projeto do êxodo. Com efeito, o salmo é composto recebendo um suplemento com a referência à santidade de Aarão (Sl 106,16) e o julgamento com fogo dos líderes seguidores de Coré, que são castigados como fora castigado o grupo de Datã e Abiram, que nesse contexto do salmo, são considerados opositores ao projeto da marcha do êxodo⁹⁶. Isso significa que o grupo de

dificuldades”. Entende-se a existência de conflitos contra as autoridades, porque junto com a Torá estavam todas as prescrições culturais e normas sobre os deveres dos sacerdotes e levitas. Todas essas prescrições foram colocadas pelo grupo reformista sobre o povo de Judá que já havia se misturado com os estrangeiros e adotado práticas culturais mescladas com as práticas dos povos vizinhos.

⁹⁴ GUNNEWEG, A. H. J. *Teologia bíblica do Antigo Testamento*, p. 414.

⁹⁵ Cabe destacar o contexto celebrativo do salmo, que faz memória do castigo dos revoltosos, como um feito glorioso de YHWH. Esse dado lembra a derrota definitiva desses rebeldes, e que ninguém poderá revoltar-se contra Moisés e, acima de tudo Aarão, aí qualificado como santo (Sl 106,16), sob pena do castigo de Deus.

⁹⁶ Segundo LESLIE C. ALLEN, *Psalms 101-150*, p. 51, evidências apontam para a composição do Salmo 106 para um período quando o material do Pentateuco tinha recebido sua redação final. Essas evidências vêm dos vv. 16-18, onde um material mais antigo provindo de Nm 16 é suplementado com a referência à santidade de Aarão e o julgamento pelo fogo, como nas partes sacerdotais de Nm 16,3.5.7.35. Vemos ainda no Sl 106, 28-31, onde, de forma semelhante, diferentes tradições haviam já sido combinadas como em Nm 25 (Sobre a composição do Sl 106 cf. COATS, G. W. *Rebellion in the Wilderness*, p. 227-229). Esses dados também depõem em favor da redação final de Nm 16-17 no período da redação final do Pentateuco, uma vez que a tradição sacerdotal ocupa a maior parte do texto, e também une na mesma narração a revolta do grupo de Coré e a revolta de Datã e Abiram.



Coré, que incluía levitas contra os aronitas, é castigado como se fosse um grupo que se opunha à caminhada para o êxodo, quando na verdade seu pecado foi a revolta e oposição ao grupo sacerdotal no poder. A intenção do autor final foi utilizar a tradição da revolta de Datã e Abiram e seu castigo para hostilizar os levitas revoltosos contra os aronitas, inserindo-os no texto como mais um grupo culpado merecedor do castigo implacável de YHWH. Essa acentuação da derrota que associa as revoltas e o castigo em um único relato (cf. Nm 26,9-11) corrobora o sentido da forma final de Nm 16–17, com o objetivo de salvaguardar a liderança aronita como poder sagrado e debelar possíveis rebeliões sob a ameaça de castigo. Nm 17,26-28 conclui magistralmente a história da revolta fracassada, mediante a total dependência dos filhos de Israel do poder do sumo sacerdote. Dado que é manifestado com a reação apavorada dos filhos de Israel diante da vara florida de Aarão depositada na tenda do testemunho: “Vê, expiramos, perecemos, todos perecemos”(17,27). “Todo o que se aproxima, que se aproxima até a habitação de YHWH morrerá. Estamos nós acabados, para expirar”?!

Abstract

The text of Nm 16–17 relates the revolt of different groups against the authority of Moses and Aaron. Its composition is complex, and at least three hands contributed to its elaboration. The intention of the final author is to defend the Jewish identity of the people, by means of the priestly class, which had assumed leadership after the Exile. This story, emphasising the liquidation of those who rebelled against authority, was therefore written from the viewpoint of those who were in power, exactly because its conclusion (Nm 17,16-28) aims to show the divine confirmation of the Elected One, Aaron, as High Priest. Emphasising the defeat of the rebels, the author also wishes to present an archetypical story of rebellion, with the aim of confronting or threatening all those who would dare rebel against the authorities constituted as such by God himself.

Vicente Artuso

Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio
Professor na PUC/PR - Campus Londrina

Key Words: Aaron, authority, rebellion, priest, story.

Referências Bibliográficas

- AHUIS, F. *Autorität im Umbruch: Ein formgeschichtlicher Beitrag zur Klärung der literarischen Schichtung und der zeitgeschichtlichen Bezüge von Num 16 und 17. Mit einem Ausblick auf die Diskussion um die Ämter der Kirche.* Stuttgart: Calwer Verlag, 1983. 128p. (Calwer Theologische Monographien, 13).
- ABADIE, P. *O livro das Crônicas.* Tradução M. Cecília M. Duprat. São Paulo: Paulus 1998. 78p. (Cadernos Bíblicos, 71). Título original: *Le Livre des Chroniques*, 1994.
- ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento. Volumen I: De los comienzos hasta el final de la monarquía.* Traducción Dionisio Mingues. Madrid: Editorial Trotta, 1999. 451p. Título original: *Religions geschichte Israels in alttestamentlicher Zeit – I: Von den Anfängen bis zum Ende der Königszeit*, 1992.
- ALBERTZ, R. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento. Volumen II: Desde el Exilio hasta la época de los Macabeus.* Traducción Dionisio Mingues. Valladolid: Editorial Trotta 1999. 453p. Titulo original: *Religionsgeschichte Israels in alttestamentlicher Zeit. – II: Vom Exil bis zu den Makkabaern*, 1992.
- ARTUS, O. *Études sur le Livre des Nombres: Récit, Histoire et Loi en Nb 13,1-20,13.* Fribourg: Editions Universitaires; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997. 443p. (Orbis Biblicus et Orientalis, 157).
- ASHLEY, T. R. *The Book of Numbers.* Michigan: Eerdmans Publishing, Printed in the United States of America, 1993. 665p. (The New International Commentary on the Old Testament).
- AURELIUS, E. *Der Fürbitter Israels: Eine Studie zum Mosebild im Alten Testament.* Stockholm: (s.n), 1988. 250p. (Coniectanea Biblica: Old Testament series, 27).
- BERNINI, G. *Il Libro dei Numeri.* Torino: Marietti, 1972. 322p.
- BLENKINSOPP, J. *Il Pentateuco: Introduzione ai primi cinque libri della Bibbia.* Traduzione Simone Venturini. Brescia: Queriniana, 1996. 305p. Título Original: *The Pentateuch. An introduction to the First Five Books of the Bible*, 1992.
- BLUM, E. *Studien zur Komposition des Pentateuch.* Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1990. 432p. (Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 89).
- BUDD, P. J. *Numbers.* Waco & Texas: General Editors, Word Books, 1984. 409p. (Word Biblical Commentary, 5).



- BUIS, P. O livro dos Números. Tradução José Maria da Costa Villar. São Paulo: Paulus, 1994. 78p. (Cadernos bíblicos, 59). Título original: Le livre des Nombres, 1992.
- COATS, G. W. Rebellion in the Wilderness: The Mourmuring Motiv in the Wilderness Traditions of the Old Testament. Nashville, Abingdon Press, New York, 1968. 287p.
- DAVIES, E. W. Numbers. London: William B. Eerdmans Publishing Company, 1980. 378p. (New Century Bible Commentary).
- DE VAULX, J. Les Nombres. Paris: J. Gabalda et Cie Éditeurs, 1972. 431p. (Sources Bibliques).
- DE VRIES, S. J. "Moses and David as Cult Founders in Chronicles". Journal of Biblical Literature, London, n. 107/4, p. 619-639, 1988.
- De PURY A. (Org.). O Pentateuco em questão: As origens e a composição dos cinco primeiros livros da bíblia à luz da pesquisa recente. 2. ed. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002. 324p. Título original: Le Pentateuche en question. Les origines des cinq premiers livres de la Bible à lumière des recherches récentes, 1989.
- DOUGLAS, M. Nel Deserto: La dottrina della contaminazione nel libro dei Numeri. Traduzione Alfredo Damanti. Bologna: Edizioni Dehoniane, 2001. 352p. Titolo originale: In the Wilderness. The doctrine of defilement in the Book of Numbers, 1993.
- FRITZ, V. Israel in der Wüste: Traditionsgeschichtliche Untersuchung des Wüstenüberlieferung des Jahwisten. Marburg: N. G. Elwert Verlag, 1970. 151p. (Marburger Theologische Studien, 7).
- GALLAZZI, A. A Teocracia Sadocita: sua história e ideologia. Macapá: Biblioteca de Estudos Bíblicos, 2002. 274p.
- GARCÍA LÓPEZ, F. O Pentateuco: Introdução à leitura dos cinco primeiros livros da Bíblia. Tradução Alceu Luiz Orso. São Paulo: Ave Maria, 2004. 325p. Título original: El Pentateuco: introducción a la lectura de los cinco primeros libros de la Biblia, 2003.
- GRAY, G. B. A critical and exegetical commentary on Numbers. 3. ed. Edinburgh: T. Clark Limited, 1956. 489p.
- GUNNEWEG, A. H. J. Teologia Bíblica do Antigo Testamento: Uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. Tradução Werner Fuchs. Teológica & Edições Loyola: São Paulo, 2005. 368p. Título original: Biblische Theologie des Alten Testaments. Eine Religionsgeschichte Israels in biblisch-theologischer Sicht, 1993.
- HARRISON, R. K. Numbers: An Exegetical Commentary. Michigan: Grand Rapids, 1992. 452p.

- LEHMING, S. Versuch zu Num 16. Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, Berlin & New York, n. 74, p. 291-321, 1962.
- LESLIE C. ALLEN. Psalms 101-150. Waco & Texas: Word Publishing, General Editors, 1983. 342 p. (Word Biblical Commentary, 21).
- LEVINE A. B. Numbers 1-20: A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1993. 495p. (The Anchor Bible).
- MAGONET, J. The Korah Rebellion. Journal Study of the Old Testament, Sheffield, n. 24, p. 3-25, 1982.
- MILLER, J. W. As origens da Bíblia: Repensando a história canônica. Tradução Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004, 207p. (Título original: The Bible Rethinking canon history, 1999).
- MILGROM, J. Numbers Bemidbar. Philadelphia & New York: The Jewish Publication Society, 5750/1990. 520p.
- NOTH, M. Numbers. Translated by James D. Martin. London: SCM Press, 1968. 258p.
- RÖMER, T. L'Histoire rédactionnelle des premiers livres de la bible. Estudios Bíblicos, Madrid, n. 62, p.137-154, 2004.
- RÖMER, Th.; LEMAIRE, A. (ed.). "Le Pentateuque toujours en question: Bilan et perspectives après un quart de siècle de débat". *Congress Volume Basel*, Leiden 2001. (Vetus Testamentum Supplementum, 92).
- SCHORN, U. Rubeniten als exemplarische Ausfrührer in Num. 16f /Deut.11. Beiträge Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft. Berlin & New York, vol. 294, p. 252-268, 2000.
- SEEBASS, H. Numeri 10,11-22,1. Vluyn: Neukirchener Verlag, 2003. 320p. (Biblischer Kommentar Altes Testament, IV/1).
- SCHART, A. Mose und Israel im Konflikt: Eine redaktionsgeschichtliche Studie zu den Wüstenerzählungen. Freiburg: Universitätsverlag Schweiz Göttingen. Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. 284p. (Orbis Biblicus et Orientalis, 98).
- SCHMIDT, L. Studien zur Priesterschrift. Beiträge Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, Berlin & New York, vol. 214, p.113-179, 1993.
- SKA, J. L. Introduzione Alla Lettura Del Pentateuco. Roma: Edizioni Dehoniane, 2000. 314p.
- SKA, J. L. La structure du Pentateuque dans sa forme canonique. Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, Berlin & New York, vol.113, p.131-152, 2001.
- SKA, J. L. Res Bibliographicae: Le Pentateuque à l'heure de ses usagers. Biblica, Roma, vol. 87, fasc.1, p. 98-110, 2006.

- SNAITH, N. H. *Leviticus and Numbers*. London: Thomas Nelson and Sons, 1967. 347p.
- STURDY, J. *Numbers*. Cambridge University Press: Cambridge, 1976. 173p. (The Cambridge Bible Commentary on the New English Bible).
- TÜNNERMANN, R. *As Reformas de Neemias: A reconstrução de Jerusalém e a reorganização de Judá no Período Persa*. São Leopoldo: Sínodal; São Paulo: Paulus, 2001. 210p. (Série Teses e Dissertações, 17).
- WANKE, G. *Die Zionstheologie Korachiten in ihrem Traditionsgeschichtlichen Zusammenhang*. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 1966. 119p. (Beiträge zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft, 97).
- WENHAM, G. J. *Números: Introdução e Comentário*. Tradução Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova & Associação Religiosa Editora Mundo Cristão, 1985. 250p. Título original: *Numbers: An Introduction and Commentary*, 1981.
- ZENGER, E. et. al. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2. ed. Tradução Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003. 557p. Título original: *Einleitung in das Alte Testament*, 1995.